

Geral

OPINIÃO

Quando o controle do câncer será uma real prioridade?

Maira Caleffi (*)

Somente em 2018, o câncer foi responsável por 9,6 milhões de mortes em todo o mundo

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma a cada seis mortes tem relação com a doença, o que torna o câncer a segunda principal causa de óbito no planeta. Os números causam extrema preocupação. Em diversos países a taxa de mortalidade vem aumentando, mesmo que estejamos presenciando o surgimento de tratamentos e técnicas que visam diminuir o impacto do câncer e garantir mais tempo e qualidade de vida aos pacientes.

Frete a esse panorama, no âmbito internacional, a discussão a respeito da Cobertura Universal de Saúde tem ganhado força na última década. Este modelo pressupõe um sistema que oferece todos os tipos de serviço de saúde, desde os mais básicos aos mais complexos, para toda a população, gratuitamente e sem discriminação.

No Brasil, temos bastante familiaridade com isso: o SUS é um exemplo desse tipo de sistema, visto como referência internacional em saúde. Por meio dele, ninguém precisa se colocar em risco financeiro para obter um serviço de qualidade – ou, pelo menos em tese, não precisaria.

A Cobertura Universal de Saúde foi considerada prioridade para o desenvolvimento sustentável pela ONU e tem sido pauta das principais discussões entre órgãos e representantes de saúde de diversos países. Foi, inclusive, debatida no painel “Além das manchetes: o que será necessário para enfrentar o crescente impacto do câncer”, realizado em Genebra, durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, promovida pela OMS, do qual aceitei honrosamente participar e representar a voz dos pacientes.

O crescente interesse de governos ao redor do mundo por oferecer a saúde, um direito básico e fundamental, gratuitamente a todos demonstra, certamente, um

cenário positivo. Porém, por que mesmo em países que já adotam esse sistema, o câncer continua tendo uma alta taxa de mortalidade? É necessário olhar para os modelos que já existem e aprender com suas trajetórias.

É notório que a doença ainda não é tratada como prioridade no Brasil, por exemplo – os pacientes atendidos pelo SUS acabam enfrentando desafios em relação ao câncer muito em função da falta de um bom planejamento, gestão e recursos bem administrados. A Cobertura Universal de Saúde é uma estratégia em tese eficaz para trazer respostas ao controle do câncer. No entanto, as dificuldades que precisam ser enfrentadas para mudar as taxas de mortalidade crescentes para a doença estão relacionadas à falta de acesso da população ao que essa cobertura deveria oferecer.

De maneira geral, a falta de programas estruturados de prevenção e rastreio para a maioria dos cânceres, as longas esperas para confirmação do diagnóstico oncológico e para o início do tratamento, opções restritas de tratamento oferecidas aos pacientes e a falta de acesso a abordagens multidisciplinares, equipes de profissionais de diversas especialidades que atuam na melhora dos prognósticos e qualidade de vida dos pacientes, são fatores importantes para entender os motivos pelos quais ainda não conseguimos virar esse jogo, mesmo já usufruindo há 30 anos da cobertura universal em nosso país.

Há vidas lutando contra o câncer neste momento. Quase 10 milhões delas foram perdidas mundialmente, só no último ano, por conta da doença. Será que isto não é grave o suficiente para repensar a assistência à doença e colocá-la no topo da lista de prioridades, contribuindo até mesmo com a criação de um modelo eficiente adaptado a cada realidade para reduzir seu impacto no mundo?

(*) - É presidente voluntária da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama e Chefe do Serviço de Mastologia do Hospital Moínhos de Vento.

Faturamento do setor editorial diminuiu 25% em 12 anos

Série de levantamentos feitos pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), entre 2006 e 2018, contabiliza que faturamento do setor editorial brasileiro diminuiu 25% no período

O dado contabiliza as vendas para o mercado em geral e também pelo governo (livros didáticos). O estudo mostra que houve crescimento do número de livros vendidos entre 2006 e 2014, mas após o início da recessão econômica, observa-se uma queda acentuada da venda e piora dos resultados.

Em 2006, o setor faturou R\$ 6,788 bilhões. Em 2018, o valor foi de R\$ 5,119 bilhões. Nesse período, o preço médio dos livros diminuiu 34%. A queda do preço impactou na redução do faturamento do setor. “O setor fez uma aposta em redução do preço [do livro] e ganho de escala [em vendas], mas isso não aconteceu”, aponta a economista Mariana Bueno, responsável pela pesquisa. “Mesmo quando a economia estava crescendo, nos anos de 2009 e 2010, a venda de livros não tirou proveito”. Segundo ela, “nenhum país que observamos teve queda tão expressiva”, disse ao comparar o desempenho da venda de livros com a Colômbia, México, Estados Unidos, Reino Unido e



Recessão a partir de 2015 reverteu crescimento dos anos anteriores.

Alemanha.

A especialista assinala que além da conhecida falta de hábito de leitura do brasileiro, os índices negativos ocorrem em momento de expansão de novas tecnologias e serviços como redes sociais, streaming e acesso ao celular. “Tudo isso concorre com o tempo de atenção que poderia ser dedicado ao livro”, ponderou Bueno. A avaliação

da Fipe, disponível na internet, indica que o subsetor de obras gerais chegou a perder 45% do faturamento no mercado (não considerando compras governamentais).

O segundo pior desempenho foi do subsetor de livros científicos, técnicos e profissionais (queda de 36%); seguido do subsetor de livros didáticos (descida de 23%). O subsetor

de livros religiosos teve a menor redução no faturamento (-4%). Observando apenas o período recessivo e de baixo crescimento (2014 a 2018), a queda de faturamento do subsetor de livros científicos, técnicos e profissionais foi de 45%. De acordo com Mariana Bueno, uma hipótese para esta diminuição é a redução de estudantes nos cursos superiores (ABR).

Frequência escolar do Bolsa Família chega a 90,31%

A frequência escolar no primeiro bimestre dos estudantes beneficiados pelo Programa Bolsa Família teve o melhor índice desde 2007. A taxa de alunos dentro da sala de aula em fevereiro e março, que corresponde ao primeiro bimestre escolar, chegou a 90,31%, enquanto há doze anos registrou 66,22%. Entre os motivos apresentados pelos 10% restantes dos estudantes que não mantêm a frequência escolar estão doenças, problemas físicos, falta de transporte, gravidez e desastres naturais.

Os dados do Ministério da Educação mostram que dos mais de 13,8 milhões de estudantes beneficiários que entram para o acompanhamento, 12,4 milhões tiveram a frequência escolar informada e 95,16% cumpriram o percentual mínimo de presença exigida pelo programa. O MEC monitora a frequência escolar dos alunos com idade entre seis e 17 anos cujas famílias recebem o benefício do Bolsa Família. O pagamento está condicionado à presença mínima mensal de 85% nas aulas dos alunos de seis a 15 anos e de 75% dos adolescentes entre 16 e 17 anos (ABR).

Planos de saúde coletivos podem fazer portabilidade

Entraram em vigor ontem (3) as novas regras para a portabilidade de planos de saúde, que incluem os beneficiários de contratos coletivos empresariais na possibilidade de troca de operadora, sem a necessidade de cumprir novo prazo de carência para utilizar os serviços médicos. Outra mudança é a extinção da “janela” para a troca de plano, ou seja, um prazo determinado pela operadora para fazer a mudança.

A ANS também retirou a necessidade da cobertura entre os planos antigo e novo serem compatíveis para fazer a migração, abrindo a possibilidade para a contratação de coberturas mais amplas, mas mantendo a faixa de preço na maioria dos casos. Com isso, o consumidor só precisa cumprir a carência dos serviços a mais que o novo plano



Agora, o beneficiário poderá escolher outro produto e fazer a migração.

oferecer.

Segundo o diretor de Normas e Habilitação dos Produtos da ANS, Rogério Scarabel, a concessão desse benefício para consumidores de planos empresariais era uma demanda importante na regulação do

setor, já que a modalidade representa quase 70% do mercado. “A portabilidade de carências passa a ser um direito efetivo de todo consumidor de planos de saúde e vai ser mais representativa no mercado” (ABR).

ricardosouza@netjen.com.br
News @TI

Evento reúne ecossistema de Cidades Inteligentes

As inovações, sejam elas tecnológicas, de costumes ou estilo de vida, podem influenciar diretamente o desenvolvimento social. O Smart City Business Brazil Congress & Expo 2019 reunirá as principais empresas de tecnologias, prefeitos, secretários, governadores e todo ecossistema de cidades inteligentes para uma imersão no novo conceito de Smart Cities - ou seja, aquele que utiliza novas tecnologias, modelos e práticas disruptivas para resolver problemas antigos, como o trânsito, segurança pública ou limpeza urbana. O evento acontecerá em São Paulo entre os dias 22 e 24 de junho e marcará uma nova etapa para a consolidação do setor no mercado brasileiro. Com as novas oportunidades e desafios para implementar um novo conceito de gerenciamento urbano, o evento investe em novos modelos de discussão. Ao invés de apenas palestras e workshops, o evento proporcionará aos participantes a chance de acompanhar Reuniões Estratégicas entre especialistas do setor e autoridades - prefeitos e secretários (http://expo.scbamerica.com/site/scbbr2019/premio-inovacidade).

Dell anuncia notebook Inspiron 15 5000 no Brasil

ADell – líder no mercado brasileiro de computadores – lança a edição 2019 do notebook Inspiron 15 5000, um modelo de 15 polegadas com design inédito, alto desempenho e bordas finas na tela. A novidade chega ao Brasil com as últimas tecnologias Dell Cinema, incluindo recursos avançados para aprimorar a execução de filmes, séries e outros vídeos, com melhorias na imagem, som e transmissão online. Com tela de 15 polegadas e resolução Full HD (com opção HD), os novos Inspiron 15 5000 apresentam uma identidade visual renovada, com acabamento externo metálico premium na cor prata. As novidades chegam ao mercado nacional com a 8ª geração de processadores Intel Core (i5 ou i7), até 8 GB de memória RAM e opções com armazenamento em HD ou SSD. Os modelos incluem ainda configurações com Acelerador de Sistema Intel® Optane™ Memory de 16GB para melhorias na velocidade e desempenho na inicialização do sistema operacional e nos aplicativos mais utilizados. Para aplicações com demanda por processamento gráfico, a Dell disponibiliza ainda versões com placa de vídeo dedicada NVIDIA GeForce MX130 (2 GB) (www.dell.com.br).

Ciência e Tecnologia

ricardosouza@netjen.com.br

Recorde de vulnerabilidades gera inovação em cibersegurança entre as empresas globais

Novos dados que classificam a “cibermaturidade” das organizações revelam que os setores mais visados são os mais preparados para lidar com o cenário de ameaças, além de estarem em constante evolução

A Dimension Data, integradora global de tecnologia e provedora de serviços gerenciados para TI híbrida avaliada em US\$ 8 bilhões, revelou descobertas exclusivas em seu mais recente Relatório Global de Inteligência de Ameaças de 2019 da NTT Security. O estudo traça um cenário geral sobre a maturidade da segurança cibernética em organizações de segmentos e portes distintos.

Globalmente, o nível médio de maturidade da cibersegurança atingiu a marca preocupante de 1,45 em uma escala que vai até 5. Esse índice ocorre durante um período em que as vulnerabilidades de segurança também atingiram um recorde (12,5% a mais que em 2017).

Os setores de Finanças (1,71) e Tecnologia (1,66) são os que possuem os maiores níveis de maturidade e seguem elevando o padrão de sua postura em relação à segurança cibernética. Não por acaso, as duas verticais foram as mais visadas por cibercriminosos, cada um respondendo por 17% de todos os ataques registrados em 2018.

Ao explorar trilhões de logs e bilhões de ataques, a pesquisa também revelou os tipos de ataques mais comuns, sendo os ataques Web o mais predominante. Essa ameaça vem dobrando em frequência desde 2017 e representou 32% de todos os ataques detectados no ano passado.

O chamado “Ataque de Reconhecimento” (16%), onde o atacante busca vulnerabilidades no sistema do alvo, foi a segunda atividade hostil mais comum, seguido por ataques específicos contra serviços (13%) e os de força bruta (12%).

Mark Thomas, vice-presidente de Segurança Cibernética da Dimension Data, disse: “Há claramente muito trabalho a ser feito em todos os setores para estabelecer posturas de segurança mais robustas. No entanto, é reconfortante ver muitos C-Levels reconhecendo a importância de fazer investimentos mais estratégicos a fim de melhorar suas defesas de cibersecurity”.

“Houve alguns desenvolvimentos interessantes na área de inteligência de ameaças preditivas, com novos níveis de

colaboração e adesão em toda a cadeia de valor de cibersegurança. Além disso, os setores mais visados também são os mais propensos a procurar assistência para desenvolver novas estratégias e criar seus programas de segurança. Isso é essencial em empresas que buscam alcançar o nível de maturidade em segurança cibernética desejado”.

Outros destaques da pesquisa incluem:

- Globalmente, 35% dos ataques são originados de endereços IP nos EUA e na China, seguidos pela EMEA e APAC.
- Criptojackning representa uma quantidade significativa de atividade hostil. Às vezes, é detectado um volume maior que todos os outros malwares combinados, atingindo mais duramente os setores de Tecnologia e Educação.
- O roubo de credenciais está em alta, pois os atacantes visam os acessos à nuvem, com empresas de Tecnologia (36%), Telecomunicações (18%) e Serviços (14%) afetados significativamente por essa modalidade.

Empresas & Negócios
José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Diretora Comercial: Lilian Mancuso (lilian@netjen.com.br)

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br); *TV:* Tony Auad (central-noticia@bol.com.br)
Colaboradores: Cícero Augusto, Eduardo Shinyashiki, Geraldo Nunes,

Webmaster/TI: Ricardo Baboo; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza e Romério Damascena. *Revisão:* Caroline Costa. *Impressão:* LTJ Gráfica Ltda. *Serviço informativo:* Agências Estado, Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Vergueiro, 2949 - 12º andar - cjs. 121 e 122 - Vila Mariana - Cep: 04101-300. Tel. 3043-4171 / 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br) - Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 - JUCESP, Nire: 35218211731 (6/6/2003) - Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Heródoto Barbeiro, J. B. Oliveira, Leslie Amendolara, Mario Enzo Belio Junior.

ISSN 2595-8410

RIO DE JANEIRO: J.C. REPRESENTAÇÕES E PUBLICIDADES EIRELI
Av. Rio Branco, 173 / 602 e 603 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20040-007
Tel. (21) 2262-7469 - CNPJ 30.868.129/0001-87